

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA – FOA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA – UniFOA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO/LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**LUCAS DE SOUSA FIRMIANO LOPES RIBEIRO**

**PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS EM ZONAS PERIFÉRICAS:  
REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS TENSIONAMENTOS  
CAPITALISTAS E A PRODUÇÃO DAS MORTES**

**VOLTA REDONDA  
2021**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA – FOA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA – UniFOA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO/LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

**PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS EM ZONAS PERIFÉRICAS:  
REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS TENSIONAMENTOS  
CAPITALISTAS E A PRODUÇÃO DAS MORTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Educação Física para obtenção do grau de Professor de Educação Física.

Orientação: Prof./<sup>a</sup>. Dr. Marcelo Paraiso Alves

**VOLTA REDONDA  
2021**

*(folha de aprovação, deve ser escaneada e anexada)*



*Dedico aos vitimados pela Necropolítica e aos que lutam por Direitos Humanos.*

---

Campus Universitário Oezio Galotti  
Sede Administrativa  
Av. Paulo Erlei Alves Abrantes, nº. 1.325-Três Poços  
27240-500 - Volta Redonda-RJ.  
Tel.: (24) 3340-8400

Campus Universitário João Pessoa Fagundes  
Rua 28, nº. 619-Tangerinal  
27295-530 - Volta Redonda-RJ.  
Tel.: (24) 3348-1441

Campus Aterrado  
Av. Lucas Evangelista, nº.862-Aterrado  
27215-630 - Volta Redonda-RJ.  
Tel.: (24) 3338-2764 / 3338-2025

Campus Colina  
Rua Nossa Senhora das Graças, nº. 273-Colina  
27253-610 - Volta Redonda-RJ.  
Tel.: (24) 3340-8437

Campus Universitário José Vinciprova  
Shopping 16  
Rua 23-B, Esquina Rua 16, nº. 39  
27200-130 - Volta Redonda - RJ.  
Tel.: (24) 3348-5991

Campus Universitário Leonardo Molica  
Rua Jaraguá, 1.084-Retiro  
27277-130-Volta Redonda-RJ  
Tel.(24)3344-1850

## Agradecimento

À minha família, em especial aos meus pais, avós e tio, por todo apoio, sustento e cuidado e por moldarem meus princípios políticos e humanos.

Ao movimento negro, mormente a cultura Hip-Hop por me conscientizar que a mão que segura o chicote não é invisível, que o potencial bélico mais importante em guerra é o cérebro consciente e questionador e por me proporcionar autoestima, criticidade, ancestralidade e Ubuntu.

Aos meus amigos e colegas do badminton, em especial aos professores por proporcionaram uma alternativa de sobrevivência e visibilidade social, econômica, cultural, intelectual e profissional diferente das que o sistema impõe a mim e aos meus iguais.

A mim, por todo esforço até a exaustão e por sempre lutar incansável e incessantemente pelo que acredito e desejo.

Ao Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves por sua orientação, instrução, confiança e atenciosidade durante a consecução do material e aulas.

A todos que torceram por mim e colaboraram para o sucesso deste trabalho e formação, diretamente e indiretamente.

## RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir sobre os Projetos Sociais Esportivos localizados em zonas periféricas, problematizando e refletindo sobre possíveis tensionamentos entre tais projetos e o capitalismo. Metodologicamente optamos pela pesquisa qualitativa, tendo a revisão narrativa da literatura como centralidade. Escolha que se deve pela compreensão de que todo processo pedagógico é ideológico e, por isso, faz-se necessário pensar em didática antirracista e em possíveis formas do capitalismo, por intermédio das práticas esportivas, em questão as realizadas em Projetos Sociais, se apropriar ainda mais dos corpos. Dessa forma, para compreender o cenário social em que concentramos as discussões, nos alicerçamos nas ideias de Necropolítica, proposta por Achille Mbembe (2016), no Necrotério dos Vivos (2012) e na música Estamos Mortos (2020), ambos propostos por Eduardo Taddeo, pois tais conceitos apresentam consonância ao conceberem a morte como sendo um fenômeno simbólico e biológico que é utilizada como instrumento de gestão do status quo. Dessa forma, discutindo e refletindo referenciados pela compreensão acerca da proposta dos projetos sociais, sobretudo os esportivos, que objetivam ocupar o tempo livre dos participantes com atividades culturais, esportivas, educacionais e referentes à construção e reconhecimento da cidadania, tecemos por completo este material.

**Palavras-chave:** Capitalismo, Direitos Humanos e Constitucionais, Esporte, Necropolítica, Projetos Sociais.

## 1. INTRODUÇÃO

Ninguém pode ser considerado vivo  
 Comendo sobras de lixeiras  
 Erguendo mãos para pedir esmolas  
 Fumando crack  
 Perdendo a saúde puxando carroças de papelão  
 Eduardo Taddeo – Estamos Mortos, 2020

O rapper, escritor e ativista social Eduardo Taddeo, em suas obras expõe que nós, indivíduos invisibilizados e vitimados pela arquitetura de ódio chamado República Federativa do Brasil, “(..)caminhamos sem vida, na escuridão da indignância (..)” e vegetamos no necrotério dos vivos. (TADDEO,2020)

Isso ocorre pois, de acordo com o rapper, ninguém pode ser considerado vivo sofrendo crimes e violência – constitucionais e inconstitucionais - cometidos por motivações econômicas, sociais e raciais, ou seja, a morte simbólica e subjetiva, o epistemicídio, precede, dinamiza e naturaliza a morte biológica de determinados indivíduos.

Pensamento que se alinha à noção de Necropolítica obtida a partir de Achille Mbembe (2016), que expõe que a morte é também um instrumento de gestão do status quo e produzida pelo poder político e econômico que estrutura nações, sobretudo as marcadas pela violência colonial e racismo, como o Brasil.

Portanto, para compreender este cenário e discussão, é necessário, ainda, ancorarmos-nos na noção de raça como um conceito essencialmente político, como exposto por Almeida (2018), que também concebe o racismo como sendo uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, “um processo em que a condição de subalternidade e de privilégio se distribuem entre grupos raciais e se reproduzem no âmbito da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2018, pág. 27), haja vista que essas compreensões estão vitalmente ligadas aos conceitos Necrotério dos Vivos e Necropolítica, expostos por Eduardo e Achille, respectivamente.

E é justamente neste cenário, objetivando minimamente ressignificar as possibilidades de vida e futuro dos indivíduos, retardando e reconhecendo alguns mecanismos que fomentam a Necropolítica e o Necrotério dos vivos, que urge, em questão os esportivos, projetos sociais – que objetivam ocupar o tempo livre dos participantes com atividades culturais, esportivas, educacionais e referentes à

construção e reconhecimento da cidadania. (GONÇALVES, 2003; GUEDES *et al.*, 2006; BRETÃS, 2007; MELO, 2007; THOMASSIM, 2007; ZALUAR, 1994).

E em virtude do abordado, o presente estudo tem por objetivo, sobretudo com aporte em Mbembe (2016) e Taddeo (2020; 2012), refletir sobre os Projetos Sociais Esportivos localizados no Necrotério dos Vivos, ou seja, onde mais intensivamente constata-se a ação do Brasil com o racismo e capitalismo produzindo e lucrando com a produção das desigualdades e da Necropolítica: portanto nas zonas periféricas, as favelas.

Outrossim, justifica-se esta produção pela compreensão de que todo processo pedagógico é ideológico e que “não é possível pensar uma educação para as relações étnico-raciais se não levarmos em consideração uma didática militante, ou seja, uma didática antirracista” (OLIVEIRA, 2016), e também pela necessidade de pensar possíveis tensionamentos entre capitalismo e Projetos Sociais Esportivos em zonas periféricas e em como o capitalismo, por intermédio das práticas esportivas, em questão a realizada em Projetos Sociais, pode se apropriar ainda mais dos corpos.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo desenvolveu-se por intermédio da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, por a referida permitir ao investigador a acessar múltiplos conhecimentos, informações, dados e fenômenos de maneira mais ampla e diversa e porque, como aponta Gil (2008, p. 28) “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da relação existente entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação.”

E no que concerne o objetivo central deste estudo, para compreender a realidade social em que concentramos as discussões, isto é, o campo concreto e abstrato que constrói, fomenta, tenciona e em partes é Necrotério dos Vivos e os que ali se localizam, ancoramo-nos nas obras Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte, de Achille Mbembe (2016), e A guerra não declarada na visão de um favelado, de Eduardo Taddeo (2012), e ainda utilizamos, também como alicerce, a música Estamos Mortos, de Eduardo Taddeo (2020), pois o rap, por ser expressão genuinamente negra, periférica, popular, anticapitalista e de empoderamento de populações marginalizadas, capta informações ímpares, a partir

de um lócus empírico e também artístico, filosófico e científico, o que permite uma compreensão complexa da realidade e do cenário que buscamos discutir.

Para finalizar, cabe frisar que realizar tal movimento teórico-metodológico, isto é, a aproximação das discussões propostas por Mbembe (2016) ao rapper Eduardo Taddeo, se deve pela perspectiva proposta por Boaventura de Souza Santos, mais especificamente à Sociologia das Ausências e a Ecologia dos Saberes.

Para Santos (2010) a Sociologia das Ausências ao se contrapor a razão metonímica evidencia-se como uma sociologia transgressiva, visto que, se contrapõe a razão metonímica. O que buscamos enfatizar é que, a referida razão – metonímica – opera contraindo o presente e, em decorrência disso, estabelece que os únicos conhecimentos válidos são os que emergem do pensamento eurocêntrico, sendo o conhecimento científico a sua maior expressão.

Nesta linha de pensamento, outras formas de saber são transformadas em cultura, crença, religião, portanto, concebidos como não-existentes. Para Santos (2010) a referida razão cria cinco formas de não existência, que toma materialidade por intermédio do ignorante, do inferior, do local, do residual e do improdutivo, conforme ressaltado pelo autor:

Trata-se de formas sociais de inexistência porque as realidades que elas conformam estão apenas presentes como obstáculos em relação às realidades que contam como importantes, sejam elas realidades científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas (SANTOS, 2002, pp. 14-15).

Assim, a racionalidade supramencionada, subtrai a produção social contraindo o que acontece no mundo à sua lógica, acarretando o que Santos (2010) denomina de desperdício da experiência.

De outro modo, a Sociologia das Ausências age contrariamente, pois intenciona visibilizar as experiências que estão sendo invisibilizadas pela ordem dominante. Outrossim, cabe salientar que tal sociologia amplia e dilata o presente ao compreender que há outras maneiras de se conhecer o mundo para além do reducionismo cientificista: ecologia dos saberes.

A ideia central na ecologia dos saberes é que “[...] não há ignorância nem saber em geral. Toda ignorância é ignorante de um certo saber e todo saber é a superação de uma ignorância particular” (SANTOS, 2002, p. 16).

Neste sentido, de posse desse referencial teórico-metodológico, buscamos refletir e problematizar os projetos sociais, sobretudo os esportivos e localizados em zonas periféricas, que objetivam, de acordo com os diversos autores mencionados no texto, ocupar o tempo livre dos participantes com atividades culturais, esportivas, educacionais e referentes à construção e reconhecimento da cidadania.

### 3. ESTAMOS MORTOS: A MORTE NÃO COMEÇA COM O TIRO

Viver é ter a opção de crescer profissionalmente  
 E intelectualmente  
 De não ser metralhado pela polícia  
 De não ser torturado num sistema prisional  
 Puramente vingativo  
 Enquanto não pudermos impedir o genocídio  
 O racismo  
 A alienação  
 O aprisionamento em massa  
 A pobreza extrema e a anulação social  
 Não passaremos de cadáveres que respiram  
 Eduardo Taddeo – Estamos Mortos, 2020

A militância e obras de Eduardo Taddeo consiste em, utilizando sua potente voz e alcance por intermédio de músicas, videocliques, livros e palestras, denunciar de forma fidedigna, cristalina e democratizada os crimes cometidos contra indivíduos invisibilizados e subalternizados. Para ele, há uma guerra decretada pela elite e direcionada aos empobrecidos, que primeiro mata simbolicamente com a retirada e não concessão de direitos e condições de vida, que desumaniza e bestializa, para então se concretizar e justificar com a morte biológica, sobretudo de empobrecidos e racializados.

Portanto, de acordo com esse pensamento, a morte se inicia ainda em vida e, por conseguinte, se concretiza na morte biológica. Ou seja, exemplificando, a morte não começa com o tiro, mas com a desumanização que justifica negar e retirar Direitos Constitucionais e Humanos e, por conseguinte, apontar armas e puxar gatilhos para determinados indivíduos. O que pode ser constatado nas epígrafes que inauguram introdução e este capítulo do desenvolvimento.

Para o rapper, os crimes sociais e raciais enunciados anteriormente, tal qual demais semelhantes, são produzidos pelo o que o próprio julga ser uma involução do Homo Sapiens – uma nova categoria “corrompida pelo tilintar das pepitas de ouro” (TADDEO, 2012, p. 26) – o Homo Money:

O parente nefasto da raça humana, o “homem dinheiro”, tem apenas uma razão para a sua existência: juntar somas vultosas em uma instituição bancária! Essa aberração da natureza vive dentro de um transe capitalista, com o intuito de aumentar absurdamente o volume de seus ganhos. Subsiste nesse estado de total submissão ao sentimento materialista, durante toda a sua insignificante vida. Não se satisfaz com uma moradia, por maior e mais confortável que ela seja. Para que o contentamento seja alcançado, tem de haver inúmeras propriedades, de preferência espalhadas por vários países. Não se satisfaz com um veículo, por mais sofisticado que ele seja. Para que o contentamento seja alcançado, tem de haver diversos, de todas as cores e modelos, de preferência os mais caros e imponentes, que deixem claro de que extirpe o possuidor faz parte. (TADDEO, 2012, p. 19).

Para ele,

Na corrida dos milhões, bilhões ou trilhões, onde correm os que sofrem de cifrãonite aguda, não existe ética ou pudor. Esta modalidade competitiva, repleta de concorrência desleal, é uma luta de vale tudo no sentido mais amplo do termo! É válido o lucro através da escravidão, da exploração, da destruição ambiental, do prejuízo a saúde pública, da eliminação em massa de inocentes e da extinção de animais. Ganhar dinheiro é um círculo vicioso e alucinógeno, que leva os esquizofrênicos Trumps, Gates e Batistas da vida, à um estado de demência mental tão profundo, que os impossibilita de enxergar o limite e o óbvio: os seus rendimentos ultrapassaram a mil anos luz as suas necessidades (TADDEO, 2012, p. 26).

A este sistema de produção da morte como um instrumento de controle e eugenia social – que é suicida e genocida, Eduardo (2012) credita a alcunha de “A Guerra Não Declarada”, em clara alusão ao capitalismo, pois este, naturalizado enquanto ideologia e sistema sociopolítico e econômico, enclausurando-nos no Necrotério dos Vivos enquanto nos prepara, para em qualquer momento e circunstância, sermos abatidos em uma morte violenta que nos deixe em caixões lacrados.

Em pensamento semelhante, o filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe (2016) conceitua este *modus operandi* como Necropolítica, e que atua numa concepção de soberania que visa “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”. (2016, p. 125). Para Mbembe (2016, p. 123):

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder.

Para o Mbembe (2016, p. 128), a Necropolítica funciona sob a ótica do biopoder proposto por Foucault, que, segundo ele:

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”.

Logo, racismo constitui-se como o principal dínamo do biopoder, visto que raça é um crivo sempre presente sobre o pensamento e nas práticas das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de construir a desumanização de povos estrangeiros – ou dominá-los, e que na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado e a aceitabilidade do fazer morrer. Portanto, racismo é acima de tudo o que permite o exercício do biopoder. (MBEMBE, 2016).

Mbembe (2016), novamente resgatando Foucault, afirma que o direito soberano de matar (*droit de glaive*) e os mecanismos de biopoder está inscrito na forma em que funciona o Estado Moderno e pode ser visto como elemento constitutivo do poder.

De outro modo, por intermédio de Foucault, na tentativa de exemplificar com precisão, Mbembe menciona que o Estado nazista foi o exemplo de uma instituição que exerce o direito de matar, portanto, tornou a gestão, a proteção e o cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar.

Daí, um dos muitos imaginários de soberania compreende que a existência do outro torna-se “atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minha vida e segurança” (MBEMBE, 2016, p. 128-129), portanto, consiste na vontade e capacidade de matar, dominar, destruir e colonizar para possibilitar viver. E, quando este processo se naturaliza, há, inclusive, um clamor popular pela política de morte, promovido pela intencional confusão entre justiça e vingança propagada pelo soberano, como exemplificado por Mbembe (2016) ao resgatar Foucault (1997), onde o suplício encarna a execução para a satisfação do público, conforme podemos perceber no suplício de Damiens:

Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento (FOUCAULT, 1997, p. 9).

Portanto, com base nos autores até então mencionados, é possível considerar uma consonância na compreensão de raça como um elemento essencialmente político e racismo como sendo algo estrutural e estruturante, que organiza todas nossas relações sociais, o que também é exposto por Almeida (2018).

É possível considerar ainda que, as opressões e violências partem de locais e indivíduos identificáveis, mas que, por deterem forte poderio econômico e social, patrocinam, constroem e se beneficiam do Necrotério dos Vivos e da Necropolítica. Isso nos faz perceber que o amago das opressões se localiza na cumeeira do poder socioeconômico, que concebida a partir de vantagens sociais e raciais advindas das históricas e contemporâneas formas de explorações, permitem aos opressores, isto é, a branquitude e o capitalismo, classificar povos e pessoas como não brancos(as), supérfluos(as), invisíveis, descartáveis, marginalizados(as) e necessários(as) somente quando possível usurpar condições financeiras.

#### 4. PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS: COMO E POR QUE SURGEM

Linhaes (1996, p. 204) ressalta que em meados do século XIX, no Brasil, o esporte apresentava-se “[...] como prática social incipiente, com baixos níveis de conflito e de demandas, ausência de interesses secundários e pequena intervenção por parte do Estado”. Porém, com o avanço do capitalismo neoliberal essa realidade modificou-se e, então, o esporte, antes desinteressado e não tão valorizado, transformou-se cada vez mais em um fenômeno polissêmico e voltado para o atendimento de diversos interesses, que sobretudo articulado e produzido por aspectos socioeconômicos, incorpora uma variedade de atores e conflitos, não resumindo-se a si próprio, mas também em um meio de efetivação de elementos e

objetivos externos a ele. (VEBLEN, 1983; BOURDIEU, 1983; ROJEK, 1995; GIOVANNI, 1995; LINHALES, 2001; PIMENTA e HONORATO, 2010). Portanto, o esporte moderno é um fenômeno social que foi e é um objeto de transformações históricas, uma parte orgânica da sociedade, que foi e continua sendo moldado por ela. (PICH, 2003)

Fato destacado por Martins e Melo (2004) ao exporem que o governo Vargas, sobretudo a partir do Estado Novo de 1937, que pautado, inicialmente, nos moldes nazi-fascistas, tinha como uma das táticas de perpetuação do regime o arregimento dos organismos da sociedade – por isso buscava-se maior controle do Estado nos clubes e federações. Os autores também argumentam que durante a Ditadura Militar (1964-1985), o então regime utilizava as conquistas esportivas, sobretudo as da seleção masculina de futebol em 1970, como uma espécie de analgésico social e meio de consolidação da organização social vigente.

No Brasil contemporâneo o esporte encontra-se incontestavelmente estabelecido à luz de diversos prismas, atendendo diversos objetivos próprios e externos. Daí ele aparece, inclusive, como um direito constitucional, como apontado pelo art. 217 da Constituição Federal de 1988: “[...] é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um” (BRASIL, 1988)

E dentre todas as possíveis manifestações do esporte contemporâneo em território nacional, atualmente, uma das mais tradicionais e destacadas formas de prática esportiva são os denominados projetos socioesportivos ou projetos sociais esportivos que, geralmente localizados em bairros empobrecidos e marginalizados, visam fornecer possibilidades de futuro e resgatar a cidadania de jovens e crianças (MELO, 2004).

A esse respeito Zaluar (1994) menciona que, os projetos e políticas públicas e privadas assistencialistas, aqui especificamente os pautados na educação pelo esporte, como mencionados anteriormente, tomam impulso na década de 1980, tendo em vista os altos e crescentes problemas decorrentes das estruturas sociais, como a construção da pobreza e do empobrecido, da marginalização e do marginalizado, bem como demais efeitos desses processos. De acordo com Melo (2007), esse movimento faz com que o número de programas cresça em todo o país.

Nesta linha de pensamento, percebemos que os projetos sociais possuem como alvo crianças e adolescentes pobres e racializadas, sobretudo nas zonas

periféricas, e objetivam ocupar o tempo livre dos mesmos com práticas culturais, sociais, educacionais, relacionadas à educação física (GONÇALVES, 2003; GUEDES *et al.*, 2006; BRETÃS, 2007; MELO, 2007; THOMASSIM, 2007).

Para Guedes *et al.* (2006), os projetos podem ser exclusivos da área esportiva ou podem também ofertar atividades profissionalizantes e complementares à escolarização formal. Conforme também aponta Gonçalves (2003, p. 171-172):

Afastar os meninos do mundo do crime, tirá-los da rua, livrá-los da violência – estas têm sido as justificativas usadas pelos projetos sociais voltados para os jovens das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, esportivas, culturais e de formação para o trabalho.

Portanto, é possível considerar que os projetos sociais, em questão os esportivos, urgem sobretudo localizados no Necrotério dos Vivos, isto é, onde constata-se, com maior intensidade, a ação do Brasil com o racismo, capitalismo e demais formas de produção da morte produzindo e lucrando com a Necropolítica: nas zonas periféricas.

Nesta linha de pensamento, Melo (2005) ao discutir o projeto social na Vila Olímpica da Maré, salienta que, na esteira da redução dos direitos sociais, caracterizados por propostas neoliberais, emergiram nos últimos anos diversos projetos sociais de cunho esportivo e cultural, [...] “sobretudo em bairros pobres e/ou favelas, viabilizados por organismo privados e por políticas financiadas e/ou executadas pelo Estado” (MELO, 2005, p. 278).

Desse modo, após apresentar a maneira como a concretização de um novo modelo de desenvolvimento das políticas sociais estão a ser desenvolvidas – via terceiro setor -, especificamente a partir do caso da Vila Olímpica da Maré, Melo (2005, p. 292) conclui o estudo ressaltando que tal lógica “[...] serve para divulgação de projetos com concepções de mundo que não levam à problematização crítica das difíceis condições de vida, não apenas na Maré, mas na sociedade em geral”.

Assim, é possível perceber também possíveis tensionamentos entre a prática esportiva e prática esportiva em projetos sociais e o capitalismo, haja vista que além de o esporte ser um produto polissêmico e paradigmático, no campo do neoliberalismo as práticas esportivas tornam-se um recurso potencial para ser explorado (ALVES, 2015), sendo transformadas em mais um dos recursos de dominação de povos, da

manipulação do corpo humano e afirmação de hegemonia político-econômica (MELO, 2004)

## 5. PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS EM ZONAS PERIFÉRICAS E CAPITALISMO: POSSÍVEIS TENSIONAMENTOS

O Rapper Criolo (2013), em entrevista ao canal Cultura Livre, diz que roubaram o sol de nossas vidas e inventaram um caminho para nos usarem para dizer que todos temos lugar ao sol. Com essa metáfora em clara alusão ao *modus operandi* capitalista, que mercadoriza corpos e a vida, nos permite perceber que antes de explorar e destruir, é preciso criar condições propícias para tal. Ou seja, as ações das estruturas sociais operam pautadas na manutenção das desigualdades, isto é, por exemplo, as dores física, psicológicas e sociais produzidas pela escravização e demais formas de opressão e produção da morte, são matérias-primas do capitalismo. Portanto, nesse sistema, a pobreza e as desigualdades compõem o dínamo que propicia a exploração da mão-de-obra assalariada e mais-valia, exemplificando, quanto mais fragilizado socialmente, mais fácil é a aceitação por salários de fome e condições de vida precarizadas, insalubres e desumanizadas.

Compreensão semelhante pode ser obtida a partir de Zaluar (1994), visto que, a autora argumenta que desde sempre o empobrecido é criado - familiar e socialmente - para entender-se como empobrecido e, por isso, tende a voltar sua formação humana e profissional, o mais cedo possível, para o trabalho.

Nesta direção, torna-se necessário abdicar, inclusive, da formação educacional e, então, o indivíduo será ainda mais mutilado pelas estruturas, haja vista que sua mão de obra será considerada ainda mais desqualificada e descartável.

Diante do exposto, quanto mais mutilada for a formação educacional e as condições de vida e maior for a pobreza, maior a necessidade de trabalho e, por conseguinte, a criminalidade torna-se mais atrativa para crianças e jovens. (ZALUAR, 1994)

Sendo assim, o *modus operandi* capitalista é dependente do exercício da soberania proposta por Mbembe (2016). Assim, para criar condições propícias para produzir tais dinâmicas sociais e justificar a Necropolítica, o sistema rouba o sol, com

a morte simbólica e aniquilação e negação de direitos. E como produto, tem-se o destacado a seguir:

Depois das vocações amputadas aos milhares nas áreas saqueadas pela ganância burguesa, aquele que poderia ser um advogado é transformado num traficante de drogas. Aquele que poderia ser um juiz é convertido num assaltante de bancos. Aquela que poderia ser uma médica é reduzida a garota de programa. Aquele que poderia ser um empresário de sucesso, gerador de oportunidades para os seus iguais, é metamorfoseado no servente de pedreiro ou no ajudante geral. Por fim, aquele que poderia ser um ser humano feliz e produtivo, engrossa as estatísticas das deficiências físicas dolosas ou das mortes violentas em consequência da Guerra Não Declarada (TADDEO, 2012, p. 365).

Fator também semelhante ao interpretado por Anderson (1995), que com base na obra *O Caminho da Servidão* – que é tida como obra de origem do pensamento neoliberal - de Hayek (1994), alega que o grupo do segundo argumentava que a desigualdade era um valor imprescindível para o sustento das sociedades ocidentais.

E é desse cenário, como referenciado por diversos autores ao longo do texto, buscando minimamente retardar ou fugir das ações de extermínio simbólico e físico cometidas pelo *Homo Money*, que urgem travestido de políticas assistencialistas e visando ressignificar existências, os projetos sociais, aqui em questão os esportivos.

Daí o esporte passa a ser concebido como uma possibilidade educacional, política e econômica para o resgate de direitos e vida, um caminho para ascender social e profissionalmente e melhorar as condições de existência e qualidade de vida (ZALUAR, 1994; MENDES et al, 2007; SILVEIRA, 2007).

Cenário também expresso por Moraes e Balzano (2012), referenciados pelo esporte mais difundido em território nacional, o futebol, ao dizerem que a ascensão social por meio do esporte mexe com o imaginário das pessoas, pois além da rara possibilidade de enriquecimento, a prática esportiva torna-se o caminho para produzir renda para a família.

Em consonância, Rosa (2009) aponta que o futebol, para muitos, é concebido como a única possibilidade de progresso econômico e social. Todavia, Rosa (2009) também ressalta que há uma esmagadora possibilidade de fracasso para maioria significativa de crianças e adolescentes, em detrimento da abdicação da formação educacional, laboral e vida pessoal para dedicar-se a carreira esportiva, visto que muitos acabam em subempregos, na criminalidade, enfermos e nas drogas.

Portanto, é possível considerar ainda que os projetos sociais surgem de forma contraditória ao ordenamento das estruturas sociais, pois buscam construir possibilidades de sobrevivência e luta, mas, de certa forma fundadas em estruturas meritocratas, haja vista que daí urgem histórias que são expostas e difundidas como exemplo de superação, mas, que na verdade, trata-se por vezes da vitória pelo extinto e tentativa de sobrevivência ao *Homo Money* que transforma mormente as periferias e seus moradores sadios, inteligentes e produtivos, em mortos vivos e mártires pela sobrevivência.

Além disso, consideramos também que, na verdade, o caminho ao sol, por ser um trajeto repleto de incertezas, abdições e violências, também é um artifício Neoliberal articulado à Necropolítica (MBEMBE, 2016) que coloniza, escraviza e mata simbólica e fisicamente, visto que, as estruturas precisam ser, pelos empobrecidos, vencidas a todo custo e por qualquer meio.

Tal lógica torna-se perceptível nos casos de atletas que constroem fama, patrimônios e tornam-se socialmente visíveis por meio do esporte, ou seja, os que conseguem ascensão social na lógica capitalista, mas que, apesar disso, sobretudo os racializados, não vivem de forma autônoma e saudável e continuam vagando no necrotério dos vivos, porém com maior poder financeiro. Fato este que se torna evidente nos inúmeros casos de atletas racializados que, mesmo com fama e significativo poder econômico, continuam sofrendo racismo durante as práticas esportivas, conforme os corriqueiros casos em estádios de futebol.

Nessa direção, podemos observar também que, além de continuarem como mortos-vivos, os exemplos de exceção de atletas que ascendem socialmente são, quando por vezes tratados como regra, utilizados pela Necropolítica, pois atribui-se ao indivíduo toda a responsabilidade de seu futuro e condição de vida, eximindo o Estado de suas atribuições que tangem a efetivação de direitos constitucionais e humanos.

Em outras palavras, se um indivíduo conseguir, por intermédio do esporte, superar a criminalidade e a pobreza e ascender socialmente na lógica capitalista, o capital comercializa sua história objetivando construir a meritocrata e violenta narrativa de que todos possuem as mesmas condições e de que a criminalidade, a marginalização, a miséria, dentre outras questões semelhantes são escolhas individuais e não construções estruturais, assim mascarando suas contradições e se

auto eximindo da responsabilidade na construção delas, o que constrói uma culpabilização extremamente individual e justifica a Necropolítica.

Processo semelhante à figura modelar do herói esportivo que encarna o arquétipo identitário do sistema neoliberal, descrita por Pich (2003). Para o autor, essa figura que encontrasse especialmente construída nos veículos de comunicação em massa, mormente na televisão, busca recontar a história do atleta, mascarando e romantizando aspectos de sua vida que são contrários aos interesses dos grupos aos quais a mídia está vinculada, tornando essa história útil à manutenção do status quo.

O autor também aponta que essa proposta é construída e emanada como redentora das classes trabalhadoras, como único meio possível para mudança de condições sociais e econômicas, mas que, logicamente, não apresentam possibilidades de modificações estruturais.

Outro ponto a se destacar emerge das evidências que, apesar de parecer imprescindíveis para que populações marginalizadas ressignifiquem suas vidas e tenham direitos e oportunidades, os projetos sociais esportivos nos concedem pistas de que não possuem condições de modificar as estruturas, apenas anestesiaram minimamente seus efeitos.

Neste sentido, educar para a sobrevivência, apesar de nesse cenário ser extremamente necessário, pode, por vezes, assemelhar-se a concepção de educação no sentido institucional apontada por Foucault (1977), a que visa civilizar, docilizar e enquadrar o indivíduo na sociedade para que o mesmo possa produzir e consumir de maneira alienada e opressora, não desenvolvendo e oprimindo suas capacidades reflexivas e críticas (FOUCAULT, 1977).

Apresentando semelhanças ao exposto por Foucault, mas referenciado por práticas esportivas, Valter Bracht (1992) nos alerta que os esportes pode educar para um projeto de sociedade egoísta, ultracompetitivo, individualista, em que a busca da vitória justifica-se por si e que o prazer da prática esportiva é reduzido à busca de resultados, uma prática esportiva onde os adversários são resumidos a inimigos, portanto havendo internalização de valores e normas que objetivam a reprodução social do modelo capitalista neoliberal.

Outro imprescindível entendimento obtido a partir dessa pesquisa é que, socialmente, as estruturas sociais e o neoliberalismo atribuem ao esporte um caráter disciplinador, moralizador e corretor, que promove reconquista da cidadania e de

sociabilidade civilizada e que, por isso, é imprescindível para as populações empobrecidas das áreas empobrecidas (MELO, 2004). Desse entendimento nos parece que: primeiro – mas não em ordem de importância, atribui-se ao esporte qualidades que estão aquém dele próprio, ou seja, conceber o esporte como um meio e caminho redentor da periferia, da pobreza e dos empobrecidos, algo que ele não possui, sozinho, condições de efetuar, haja vista que além do Direito Constitucional e Humano ao esporte e lazer, outros direitos - como alimentação, educação, moradia, vida, dentre outros – são anterior ou concomitantemente negados. E segundo, conceber que a periferia e por vezes apenas a periferia precisa ser salva, resgatada e conduzida para a sociabilidade e cidadania é um ideal eugênico e racista que, além de desumanizar e reduzir tais populações à selvageria, criminalidade e ausência de autonomia e sociabilidade, também atribui ao capitalismo – o mesmo que produz e lucra com as mazelas e a Necropolítica – o papel de redentor dessas populações, camuflando as contradições que o próprio produz.

Portanto, é possível perceber que, apesar de os projetos sociais serem extremamente importantes para o acesso aos direitos básicos e constitucionais e ressignificação da vida das populações periféricas, o capitalismo também se apropria deles, transformando-os em um artifício ideológico de sustentação de ideias meritocratas, de controle de corpos, da exploração da mais-valia e um alibi para políticas de desumanização e extermínio.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado exposto, é possível considerar que o esporte não produz e desenvolve-se isolado, mas organicamente ligado à realidade social em que se localiza e no que a compõe, como economia, política e cultura, e então, por isso, diversas são as formas que o capitalismo se apropria dos corpos e das práticas esportivas e dos corpos por intermédio das práticas esportivas. Então, esse contexto faz com que as práticas esportivas incorporem, produzam e reproduzam diversos elementos externos a ela e necessários para a perpetuação e autogestão das estruturas dominantes.

E como também evidenciado na pesquisa, apesar de imprescindíveis para alcance de determinados direitos constitucionais e humanos e possibilitar ressignificação de vida para populações marginalizadas, o capitalismo também

tenciona, de diversas formas, os projetos sociais, articulando-os, por vezes, à Necropolítica e consolidação da mesma. Porém é necessário enfatizar que esse processo não ocorre de forma voluntária e consciente por parte dos projetos, mas forçada via amarras do capitalismo e das estruturas que fundamentam nossas relações sociais.

Outra reflexão evidencia-se a partir da lógica que opera reiterando que, é necessário rogar que as zonas periféricas precisam ser, via projetos sociais, em nosso caso por intermédio de projetos sociais esportivos, resgatadas, civilizadas e restituídas de cidadania. Tal pensamento, opera de modo a reproduzir a ideia das políticas de desumanização que fertiliza o *modus operandi* da Necropolítica, pois esse pensamento reduz a geopolítica e população marginalizada à uma existência essencialmente bestial, ao animalesco que precisa ser domado, educado, instruído e docilizado para se enquadrar ao restante da sociedade.

E disso constatamos também que é errôneo e superficial creditar ao esporte a capacidade de realizar tais feitos, pois atribui-se a ele um poder incompatível com suas capacidades e atribuições, pois o direito ao esporte e prática esportiva não supre demais necessidades e direitos negados, como à saúde, à alimentação, à moradia, à educação, dentre outros.

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Darlan. **Escola e futebol no campo do neoliberalismo.** Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC, Santa Catarina, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/3501>> Acesso em: 15 de jul. 2021.

ANDERSON, Perry. Além do neoliberalismo. In: SADER; GENTILI (orgs.). **Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o estado democrático.** São Paulo, Paz e Terra, 1995.

BALZANO, Otávio Nogueira; MORAIS, Jannaina Sousa. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **Revista Digital**, v. 17, n. 172, 2012. Disponível em:< <https://www.efdeportes.com/efd172/a-formacao-do-jogador-de-futebol.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRETÃS, Ângela. **Onde mora o perigo? Discutindo uma suposta relação entre ociosidade, pobreza e criminalidade. Educação, esporte e lazer.** Boletim 09, junho 2007.

FOUCAULT, Michel, (1977). Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes.

GUEDES, Simoni Lahud. et al. **Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa.** In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XII, 2006, Niterói. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. p. 92-92. Disponível em: < <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Simoni%20Lguedes,%20Julio%20Davies,%20Michelle%20ARodrigues%20e%20Rafael%20MSantos.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GIOVANNI, Geraldo di. **Mercantilização das Práticas Corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa.** In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (3.: 1995: São Paulo). *Coletânea...* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1995. p. 15-22.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa.** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

HAYEK, Friedrich August Von. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

LINHALES, Meily Assbú. **Jogos de política, jogos de esporte**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e esporte*. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 31-56.

LINHALES, Meily Assbú. **A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos**: UFMG/MG, 1996. Tese (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; MELO, Marcelo Paula de. **Políticas Públicas de Esporte para juventude na baixada Fluminense/RJ: Uma discussão introdutória**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27., 2004, Caxambu. Anais Eletrônicos. Disponível em: < <http://27reuniao.anped.org.br/gt03/t034.pdf>> Acesso em: 23 jul 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte e Ensaios**: Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 09 de jun. 2021.

MELO, Marcelo de Paula. **Vila olímpica da Maré e as políticas públicas de esporte em favelas no Rio de Janeiro: novas dinâmicas da relação Estado e sociedade civil em tempos neoliberais**: UFF/RJ, 2004. Tese (Mestrado) *Programa de Pós-Graduação Estrito Senso em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004*.

MELO, Marcelo de Paula. Vila olímpica da Maré e as Políticas Públicas de Esporte em Favelas do Rio de Janeiro. In NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia**. São Paulo: Xamã, 2005.

MELO, Marcelo de Paula. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MELO, Marcelo de Paula. Esporte social futebol clube: contradições e dilemas em nosso tempo. **Democracia Viva**, n. 32, p. 54-58, jun 2007a. Especial Pan 2007. Disponível em: < [http://www.ibase.br/userimages/dv35\\_pan5.pdf](http://www.ibase.br/userimages/dv35_pan5.pdf)> Acesso em: 23 jul. 2020.

MENDES, V. R. et al. **Como os pais percebem a participação dos filhos no Programa Segundo Tempo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XV, Pernambuco. Anais... Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/265.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2020.

Michel Foucault. **Discipline and punish: the birth of the prison**. New York: Pantheon, 1977.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma educação decolonial. **Nuevamérica** (Buenos Aires), v. 149, p. 35-39, 2016. Disponível em: <<http://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2019/07/0149.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2020.

PICH, Santiago. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo: a construção de uma estória de relatos de verdade mascarada de verdade revelada. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 199-227, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10214>. Acessado em: 15 jul. 2021.

PIMENTA, Thiago; HONORATO, Tony. Esporte moderno e mediação pedagógica nas aulas de educação física. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.24, n.4, p.493-505, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/gSJpLcn6sNR7FZjb86fMqvv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 jul. 2020.

**ROBERTA Martinelli entrevista Criolo, Roberta Martinelli**, [S.I.], Cultura Livre, 21/12/2013, 31:37 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LLs56Gx8hAw>>. 15 de set. 2021.

ROSA, Maria Elisa Soares. **Aspirante a craque de futebol hoje ou marginal do amanhã**. 2009. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/12681/aspirante-a-craque-de-futebol-hoje-ou-marginal-do-amanha>> Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/1285>>. Acesso em: 9 set. 2021

SILVA, Mauricio Roberto. SILVEIRA, Juliano; ÁVILA, Astrid Baecker. Políticas públicas para o esporte: cidadania e inclusão social. In: SILVA, Maurício Roberto da. (Org.) **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007. p. 105-176.

TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo: [s.n.], 2012. TADDEO, Carlos Eduardo. **Estamos Mortos**. In: TADDEO, Eduardo. **O necrotério dos vivos**. São Paulo: Gravadora do autor: 2020. Faixa 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZAQWHjdOLY&t=5s>>. Acesso em: 09 de jun. 2021.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. Conflitos em torno do lazer: o sentido das práticas de responsabilidade social na contramão dos direitos sociais. In: SILVA, Mauricio Roberto da. (Org.) **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007. p. 257-281.

VEBLÉN, Thorstein Bunde. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROJEK, Chris. **Veblen, leisure and human need.** *Leisure Studies*, London, v. 14, n. 2, p. 73-86, apr. 1995.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso.** São Paulo: Escuta, 1994.